

Caravela segue rumo ao Planalto

ARMANDO S.
ROLLEMBERG
Repórter Especial

"A caravela vai partir. As velas estão pandás de sonho, aladas de esperanças. O ideal está ao leme e o desconhecido se desata à frente (...) "Navegar é preciso, viver não é preciso". Posto hoje no alto da gávea, espero em Deus que em breve possa gritar ao povo brasileiro: alvíssaras, meu capitão, à vista a terra limpa e abençoada da liberdade".

Quando Ulysses Guimarães pronunciou essas palavras, em setembro de 1973, anunciando a sua anticandidatura à Presidência da República, foi aplaudido de pé pelos seus correligionários. Apesar da poesia, ninguém tinha ilusões: o general Ernesto Geisel, graças ao Colégio Eleitoral, seria com certeza o escolhido para o cargo. Mas aquela atitude de Ulysses, apesar de quixotesca, tinha um profundo sentido político: ao lançar ao mar sua caravela, ele assumia de fato o comando da resistência democrática, satisfazendo os anseios de todo o partido, inclusive dos combativos "autênticos".

Alguns meses depois, ele já não desfrutaria do mesmo consenso: temendo que com a sua participação no colégio ele terminasse coonestando a eleição do general Geisel, Ulysses seria duramente criticado pelas esquerdas. Ele, porém, não renunciou.

Relembrar aquele distante dia de 1973 ajuda a descobrir a personalidade desse homem que nos últimos vinte anos manteve-se à proa do processo político brasileiro, qualificando-se, sem dúvida, a ocupar um lugar de relevo em nossa História.

O norte de sua caravela sempre foi o Palácio do Planalto, e, sem dúvida alguma, que ontem, ao eleger-se presidente da Câmara e presidente da Constituinte, ele abriu velas, tomou assento no leme e embicou mais uma vez no rumo de sua obsessão: eleger-se Presidente da República.

Como se fosse um pêndulo, durante toda a sua carreira política, ele ora esteve um tanto à direita, ora um pouco à esquerda, mas sempre buscando de volta o centro que lhe permitiu manter em torno de seu comando, durante 16 anos, uma frente multidiversa.

Certa feita o deputado Amaral Netto acusou-o da tribuna de haver negociado com os militares a cassação de deputados. Foi uma

das poucas vezes que Ulysses deu-se à pachorra de pedir um aparte para refutar a acusação. O ex-senador Daniel Krieger, em suas memórias, reforça essa acusação. Isso pode até ser uma grande mentira, mas o fato é que o papel desempenhado pelo Dr. Ulysses nos momentos que se seguiram ao golpe militar de 64 continua obscuro. Sabe-se que ele votou no marechal Castello Branco (o que Tancredo não fez) e que foi o relator da lei de greve, consagrando em seu relatório a proibição aos piquetes de greve.

Naturalmente, ele não gosta que se lembre isso. E seria injusto se de sua história somente esses episódios fossem referidos. Não há como negar-lhe o comando da resistência. Ele o teve, e o exerceu com extrema bravura e descortino em diversos momentos, como quando rompeu o cerco de caes e bombas de gás montado pela repressão na Bahia e em Pernambuco, em 1978, ou quando, derrotadas as eleições diretas, abriu mão de sua candidatura à Presidência, passando à condição de um dos principais articuladores da candidatura de Tancredo Neves.

Com Tancredo agonizando, Ulysses foi chamado a assumir o seu lugar pelo então ministro-chefe do Gabinete Civil, Leitão de Abreu, em histórica reunião na graja do Ipê. Ironias da vida, ele recusou a vaga que mais cobiçava, considerando-a de direito do vice José Sarney.

Provocando surpresa em muitos, ele abriu o partido à direita, abrigando na legenda peemedebista forças identificadas com o que de pior existia na ditadura. Descontentou as esquerdas, mas, pragmaticamente, reforçou sua posição no tabuleiro. O resultado final foi sua vitória de ontem.

Agora, seu apoio imprevisto à tese da Constituinte exclusiva sugere um "volver à esquerda". Talvez ele tenha chegado à conclusão de que é hora de novamente se recompor com as forças mais progressistas, afinando-se com o anseio geral da sociedade por reformas sociais profundas. O presidente José Sarney que se culde. Apesar daquela expressão bovina, Ulysses tem jeito de faraó. Aos 70 anos ele continua com o mesmo apetite e agora tem pressa. E desde ontem, do alto da gávea da Constituinte, ele poderá mover-se mais rápido, ou quem sabe, reduzir o tempo a seu favor.